

ALEXITIMIA: UM ESTUDO SOBRE OS IMPACTOS SOCIAIS DA DESORDEM NEUROLÓGICA EM MEIO ÀS EMOÇÕES

Gabriel César Dias Lopes^A, Edward Roy Krishnan^B, Benson V Samuel^C, Dulcilene Ribeiro Soares^D, Fernando Campos Barbosa^E, Francis Moreira da Silveira^F



ARTIGO INFO	RESUMO
Histórico do artigo:	
Recebido em 31 de janeiro de 2023	Objetivo: O objetivo deste artigo é revisar o conceito de Alexitimia e o que pode ser o causador dessa condição, além de compreender quais são as possíveis causas para a desordem no processamento de assimilação das emoções e a dificuldade para expressar suas emoções
Aceito em 30 de março de 2023	Referencial teórico: A estrutura teórica do estudo incluía revisão teórica de vários artigos sobre a temática predominando a escolha de journals com boa qualificação.
Palavras-chave:	Método: Utilizou-se como metodologia na escrita deste trabalho uma pesquisa bibliográfica analítica e comparativa utilizando artigos científicos sobre a etimologia sobre Alexitimia, bem como, sobre como a doença se desenvolve, quais são os sintomas, como o indivíduo com alexitimia pode se desenvolver tendo como dificuldade assimilar e expressar suas emoções.
Alexitimia; Emoções; Desordem Neurológica.	Resultados e conclusão: Este estudo busca trazer à luz a importância dos estudos científicos já existentes, bem como, a continuação dessas pesquisas com intuito de esclarecer de forma mais completa a natureza as várias perspectivas sobre essa condição e compreender qual teoria é mais adequada.
	Implicações da pesquisa: Sociedade e comportamento são temas sempre atuais, por vezes a interpretação em relação a condição de frieza e apatia pode ser vista como um desajuste comportamental, o que na verdade seria uma dificuldade no processamento de assimilação das emoções e a dificuldade para expressar suas emoções, direcionar nossa atenção para tal questão fornecerá elementos que colaborarão com as futuras pesquisas. Originalidade/valor: O estudo explora um tema já em evidência, mas que carece de contextualização, revisando o conceito de Alexitimia e compreendendo como o indivíduo alexitímico se desenvolve nas relações pessoais, interpessoais e intrapessoais dentro do âmbito psicanalista e psicológico. Explorar e ampliar esta temática é fundamental.
	Doi: https://doi.org/10.26668/businessreview/2023.v8i4.1958

^A Doutor em Psicologia e PHD em Psicanálise. Logos University International, UniLogos, 4300, Biscayne Blvd, 203, Miami, Florida, 33137. E-mail: rector@unilogosedu.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4977-5873>

^B Doutor em Administração de Empresas. European International University, EIU, 5, Rue Lamarck, 75018, Paris. E-mail: president@eiu.ac

^C Doutor em Administração de Empresas, Michigan Sault Medical Center, 500, Osborn Blvd, Sault Ste. Marie, MI, United States. E-mail: benson.samuel@mymichigan.org Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3156-6990>

^D Doutora e PHD em História, Logos University International, UniLogos, 4300, Biscayne Blvd, 203, Miami, Florida, 33137. E-mail: dulceriso@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7469-1153>

^E Ph.D em Ciências da Saúde. Logos University International, UniLogos. 4300, Biscayne Blvd, 203, Miami, Florida, 33137. E-mail: fernando.integratividade@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7903-6238>

^F Ph.D em Ciências da Saúde. Logos University International, UniLogos, 4300, Biscayne Blvd, 203, Miami, Florida 33137. E-mail: drfrancismsilveira@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4602-8717>

ALEXITHYMIA: A STUDY ON THE SOCIAL IMPACTS OF NEUROLOGICAL DISORDER AMIDST EMOTIONS

ABSTRACT

Objective: The objective of this article is to review the concept of Alexithymia and what can be the cause of this condition, in addition to understanding what are the possible causes for the disorder in the processing of assimilation of emotions and the difficulty in expressing emotions

Theoretical framework: The theoretical structure of the study included a theoretical review of several articles on the subject, predominantly choosing journals with good qualifications.

Method: An analytical and comparative bibliographic research was used as a methodology in writing this work using scientific articles on the etymology of Alexithymia, as well as on how the disease develops, what are the symptoms, how the individual with alexithymia can develop having as difficulty assimilating and expressing their emotions.

Results and conclusion: This study seeks to bring to light the importance of existing scientific studies, as well as the continuation of these researches in order to more fully clarify the nature of the various perspectives on this condition and understand which theory is most appropriate.

Research implications: Society and behavior are ever-present themes, sometimes the interpretation regarding the condition of coldness and apathy can be seen as a behavioral mismatch, which would actually be a difficulty in processing, assimilating emotions and difficulty expressing their emotions, directing our attention to this issue will provide elements that will collaborate with future research.

Originality/value: The study explores a topic that is already in evidence, but which lacks contextualization, reviewing the concept of Alexithymia and understanding how the alexithymic individual develops in personal, interpersonal and intrapersonal relationships within the psychoanalytical and psychological scope. Exploring and expanding this theme is fundamental.

Keywords: Alexithymia, Emotions, Neurological Disorder.

ALEXITIMIA: UN ESTUDIO SOBRE LAS REPERCUSIONES SOCIALES DEL TRASTORNO NEUROLÓGICO EN MEDIO DE LAS EMOCIONES

RESUMEN

Objetivo: El objetivo de este artículo es revisar el concepto de Alexitimia y cuál puede ser la causa de esta condición, además de comprender cuáles son las posibles causas del trastorno en el procesamiento de la asimilación de las emociones y la dificultad para expresar las emociones.

Marco teórico: La estructura teórica del estudio incluyó una revisión teórica de varios artículos sobre el tema, eligiendo predominantemente revistas con buenas calificaciones.

Método: Se utilizó como metodología una investigación bibliográfica analítica y comparativa para la redacción de este trabajo utilizando artículos científicos sobre la etimología de la Alexitimia, así como sobre cómo se desarrolla la enfermedad, cuáles son los síntomas, cómo puede desarrollarse el individuo con alexitimia teniendo como dificultad asimilar y expresar sus emociones.

Resultados y conclusión: Este estudio busca sacar a la luz la importancia de los estudios científicos existentes, así como la continuación de estas investigaciones para aclarar más completamente la naturaleza de las diversas perspectivas sobre esta condición y comprender qué teoría es la más adecuada.

Implicaciones de la investigación: La sociedad y el comportamiento son temas siempre presentes, a veces la interpretación sobre la condición de frialdad y apatía puede ser vista como un desajuste conductual, lo que en realidad sería una dificultad para procesar, asimilar las emociones y dificultad para expresar sus emociones, dirigiendo nuestra atención. a este número aportará elementos que colaborarán con futuras investigaciones.

Originalidad/valor: El estudio explora un tema que ya está en evidencia, pero que carece de contextualización, revisando el concepto de Alexitimia y comprendiendo cómo se desarrolla el individuo alexitímico en las relaciones personales, interpersonales e intrapersonales en el ámbito psicoanalítico y psicológico. Explorar y ampliar este tema es fundamental.

Palabras clave: Alexitimia, Emociones, Desorden Neurológico

INTRODUÇÃO

Há pessoas que simplesmente não conseguem expressar emoções e para os ciclos sociais que fazem parte esse comportamento pode ser entendido como frieza e apatia. Entretanto, para área de estudos psicológicos esse comportamento tem um termo adequado para ser referido: Alexitimia.

A palavra “Alexithymia” é uma palavra de origem grega “a partícula a tem um sentido de negação, de "falta ou ausência"; lex, significa "palavra"; e thymos é "emoção ou sentimento". Literalmente, alexitimia pode ser traduzida como sem palavras para sentimento.” (FREIRE, 2010).

De forma sucinta, Alexitimia é uma condição que se define como uma desordem neurológica que interfere no processamento de emoções, ou seja, o indivíduo que apresenta este desordenamento neurológico tem dificuldades em assimilar e expressar suas emoções.

Para melhor compreensão, o termo foi introduzido na década de 1970 pelo estudioso Peter Sifneos em um trabalho intitulado “*Short-term Psychotherapy and Emotional Crisis*” que no sentido literal significa “Sem palavras para emoção”. O título faz referência a pessoas com dificuldade de descrever e expressar suas emoções, para mais, o termo Alexitimia foi inicialmente utilizado no contexto de doenças e transtornos denominados psicopáticos.

Outrossim, existem influências do referencial teórico psicanalítico que propõe que os conflitos emocionais não representados psiquicamente ou não verbalizados tendem a se expressar por canais somáticos. Isto é, de acordo com a visão psicanalítica, a Alexitimia é quando o indivíduo não consegue assimilar e nem expressar suas emoções.

Em outras palavras, “assim, alguns autores da psicossomática acreditam que tais pacientes apresentam falhas em seu desenvolvimento, o que provoca dificuldades na expressão simbólica e verbal e, dessa forma, suas possibilidades para descarregar suas tensões dar-se-iam por via somática (SILVA & CALDEIRA, 2010; NEMIAH, FREYBERGER & SIFNEOS, 1976).”

Os estudiosos afirmam que pessoas com Alexitimia possuem grandes dificuldades para usar uma linguagem apropriada para expressar e descrever sentimentos, como também diferenciá-los das sensações corporais. Para Krystal (1979), pela pobreza de linguagem para descrever ou apontar seus sentimentos e essas pessoas são denominadas analfabetos emocionais.

Para mais, a Neurociência junto aos seus avanços têm sido essencial para descobertas de causas biológicas para o desenvolvimento da Alexitimia. Assim como os estudos na área de

psicologia e psicanálise, a Neurociência vem trazendo à luz estudos de como funciona o cérebro do indivíduo com a condição de Alexitimia.

Outrossim, é importante salientar que a partir dos estudos neurocientíficos, pôde-se compreender como os hemisfério (direito e esquerdo) estão relacionados à percepção de uma emoção, como também a expressão dela, visto que, o hemisfério direito (HD) é responsável pelo processamento emocional e não-verbal, enquanto o hemisfério esquerdo (HE) está relacionado ao emocional verbal (TAYLOR, 2000).

Através das pesquisas sobre Alexitimia dentro âmbito Neurocientífico, a pessoa com essa condição tem uma dissociação entre o hemisfério direito e o esquerdo, fazendo com que afete a modulação afetiva, capacidade de expressar/comunicar afetos, além da capacidade de fantasiar ou criar situações de tensão interna ou angústia, por esses motivos que o indivíduo com diagnóstico desconhecido de Alexitimia é visto como uma pessoa fria.

É importante salientar que este artigo também busca questionar e compreender o constructo teórico sobre as causas da Alexitimia e como as várias estudos científicos já existentes associam essa condição a doenças psicossomáticas, bem como, tem o intuito demonstrar a necessidade da continuação de pesquisas científicas sobre a natureza da Alexitimia para trazer à luz de forma mais completa suas causas, para que assim possa haver uma melhora no tratamento e na prevenção.

Para melhor compreensão, “A alexitimia pode ocorrer em 'doenças psicossomáticas', mas também em outras populações clínicas, bem como em pessoas que não apresentam problemas clínicos e não está vinculada a doença mental específica (YOSHIDA & CARNEIRO, 2009). Há que se questionar o valor canônico que tem sido atribuído a ela na formação de sintomas somáticos. O que se observa é que, desde as décadas de 80 e 90 do Século XX, a associação entre alexitimia e tais sintomas não tem sido evidenciada de forma consistente na literatura sendo, portanto, questionada (TAYLOR, 1984; NORTON, 1989).

Por outro lado, devemos citar o estudo de Sproveri e Assumpção (1997) onde foram avaliadas 15 famílias com filhos assintomáticos, foi detectado que "as mães apresentaram maiores índices de estresse e os pais maiores dificuldades na expressão do afeto". Concluem estes autores que a alexitimia pode ser encontrada na personalidade do tempo atual, características de um perfil socialmente esperado e ambos os achados parecem decorrentes dos papéis desenvolvidos pelo homem e pela mulher na família brasileira (RODRIGUES, 2014).”

Por conseguinte, o intuito deste artigo é compreender a Alexitimia em diversos âmbitos, isto é, na área psicológica, na psicanalista e dentro do âmbito neurocientífico. Ademais, deve-

se entender a etimologia da Alexitimia, além dos que as primeiras pesquisas científicas comprovaram e como os estudos sobre Alexitimia vem evoluindo gradativamente em outras áreas científicas.

ETIMOLOGIA DA ALEXITIMIA

No início dos seus estudos, Sifneos, Apfel-Savitz e Frankel (1977), já apontavam diversos a etiologia da Alexitimia, tais quais: genéticos, fisiológicos, neuroanatômicos, psicossociais, assim como alterações neuroquímicas e de desenvolvimento. Para mais, Sifneos (1991) propôs que as causas da Alexitimia fossem divididas em dois tipos: as de origem biológica e as de causa psicossocial (ou de desenvolvimento). Além disso, baseando-se nos estudos europeus de Pedinielli & Rouan (1998), foram atribuídas a Alexitimia primária para os primeiros e Alexitimia secundária para as do segundo tipo.

De acordo; com Sifneos (1991) e Taylor (1984), a Alexitimia primária é forma biológica da doença resultante de defeito neuroanatômico ou deficiência neurobiológica e presume-se a interrupção da comunicação entre o lobo direito e esquerdo do cérebro. Para vários estudos comprovaram que pacientes com algum tipo de deficiência ou disfunção cerebral, “Buchanan e cols. (1980) mencionam o estudo de Hoppe e Bogen (1977), no qual 12 pacientes epiléticos, após serem submetidos à comissurotomia completa (secção do corpo caloso e comissura anterior), apresentaram características da alexitimia.” (CARNEIRO, 2009).

De acordo com vários autores como Pedinielli e Rouan (1998), a Alexitimia Tipo 1 pode ser considerada como traço de personalidade devido ao ser algo duradouro. A interpretação feita por esses autores supracitados, são utilizados como exemplos em estudos que buscam associação entre a Alexitimia quadros de dependências de substâncias psicoativas e de alcoolismo, pois nesses casos a Alexitimia funcionaria como um fator de risco. Ainda para estes autores, estimativas entre os estudos sobre a prevalência de alexitimia em pessoas dependentes de álcool variam entre 35,8% a 78%, contudo não há concordância entre os estudos, ainda assim, há indicações de que alexitimia primária ocuparia a posição central em quadros de alcoolismo.

Por outro lado, segundo Sifneos (1991), a Alexitimia secundária atribui-se relação aos efeitos de traumas ou doenças sérias, acredita-se que podem estar ligadas a experiências traumáticas ocorridas em momentos significativos do desenvolvimento infantil. Contudo, pode ocorrer o desenvolvimento de Alexitimia durante a vida adulta após uma situação traumática que cause choque no indivíduo.

Isto é, tais experiências podem ser tão negativamente intensas que levam a alterações estruturais do funcionamento psíquico, intervindo, principalmente no componente afetivo das emoções e essas situações têm consequências para toda vida do indivíduo em diversos âmbitos, em suas relações interpessoais e relação intrapessoal.

Para mais, segundo os autores Krystal, Giller e Cicchetti (1986), situações traumáticas decorrentes de excessos ou privações na relação mãe-criança podem impedir o desenvolvimento adequado da capacidade de expressar suas emoções. Como consequência o indivíduo cresce com a falha na internalização da função parental de proteção, o uso excessivo da negação e repressão de afetos, o colapso dos mecanismos de defesa do ego, entre outras, como fator para uma paralisação do desenvolvimento afetivo normal.

“Carências afetivas na primeira infância, decorrentes de comprometimentos no vínculo materno, revelam-se em um processo primitivo e infra-verbal, como uma forma regredida de reação. Para ela, seria então um mecanismo defensivo contra o surgimento de ansiedades psicóticas ligadas, por exemplo, ao perigo de perda de identidade. De acordo com essas hipóteses, pessoas alexitímicas descarregam na ação ou no ambiente suas expressões emocionais, separando-as de sua subjetividade e demonstrando dificuldade de contato com sua realidade psíquica.” (CARNEIRO, 2009).

Experiências traumáticas decorrentes das vivências emocionais entre mãe-filho é um fator importante para o desenvolvimento de Alexitimia. Em outras palavras, carências afetivas na primeira infância, dependentes do comprometimento do vínculo materno, revelam-se como processo regredido de reação. De acordo com McDougall (1982), essa reação seria como um mecanismo de defesa contra o surgimento de ansiedades psicóticas, por exemplo.

Isto é, de acordo com as hipóteses supracitadas, o indivíduo com Alexitimia tende a não demonstrar suas emoções da forma “habitual”, mas sim, descarregam na ação ou no ambiente suas expressões emocionais. E mesmo dentro desse meio de expressar suas emoções, esses indivíduos separam-se da sua subjetividade e demonstrando dificuldade de contato com sua realidade psíquica.

A Alexitimia desenvolvida na fase adulta, de forma sucinta, é decorrente de traumas vividos durante a vida e acabam desencadeando essa condição. Experiências traumáticas pós-guerras, abuso físico, desastres naturais, sequestro ou qualquer outro tipo de situação que coloque a vida da pessoa em risco, pode ter como consequência o desenvolvimento de Alexitimia.

Segundo Sfineos (1991), o estresse intenso pode causar um “bloqueio emocional”, por conseguinte, há um evitamento dos sentimentos por parte do indivíduo. Essa forma de

Alexitimia é caracterizada por um estado, uma reação, ou uma forma de defesa para impedir os efeitos da doença, trauma ou qualquer outro acontecimento que engatilhe a vida afetiva do indivíduo.

Para mais, Maciel e Yoshida (2006), conceituam que a Alexitimia secundária não está necessariamente vinculada a uma patologia, no entanto funciona como enfrentamento desenvolvido pelo indivíduo frente a uma situação de conflito e de difícil resolução para o indivíduo.

Além desses fatores, Taylor (1984) cita estudos que demonstram os estilos de comunicação, o ambiente e condições que a pessoa vive, além das características culturais, nível educacional, e classe socioeconômica podem impor limites à expressão das emoções. Para mais, o pesquisador ainda cita estudos em que pacientes psicossomáticos, com nível socioeconômico mais baixo verbalizam menos as emoções, bem como demonstram ter menos fantasias.

ALEXITIMIA NO ÂMBITO NEUROCIENTÍFICO

As pesquisas sobre Alexitimia se originaram de avaliações clínicas, contudo evidências indicam que pode haver um diagnóstico clínico ou não clínico. Isto é, não está associado diretamente a distúrbios emocionais.

Hodiernamente, exames como ressonância magnética e tomografia, por exemplo, trazem à luz hipóteses de evidências biológicas iniciais como causa para a Alexitimia. Pesquisas com as populações clínicas e não-clínicas sugerem que a Alexitimia está relacionada ao funcionamento neurológico, formada por características afetivas e cognitivas que reflete na organização das orientações do cérebro (TAYLOR & BAGBY, 2004; LARSEN & COLS., 2003; TAYLOR, 2000).

Para mais, Taylor (2000), afirma que o hemisfério direito é responsável pelo emocional e não-verbal, isto é, responsável pelo seu processamento. Já o hemisfério esquerdo é responsável pelo processamento verbal, que exerce o papel de inibitório sobre a função impulsionada pelo hemisfério direito.

“De acordo com documento produzido pela Organização Mundial da Saúde (World Health Organization-WHO), as regiões órbita-frontal e do CCA têm sido associadas a situações de aprendizagem instrumental (estímulos reforçadores e punições) que incluem emoções. O CCA tem papel importante na percepção dos sentimentos, pois mantém a informação na memória operacional, enquanto auxilia na organização dos aspectos fisiológicos e motores do sistema de resposta emocional (Taylor, 2000). O CCA é uma pequena região localizada na parte anterior do corpo caloso que liga os lobos temporais entre si e à amígdala (Lane & cols., 2000; Larsen & cols., 2003). A amígdala, por sua vez, faz parte do sistema límbico que tem ligação com os gânglios de base - região abundante em neurônios dopaminérgicos, com controle sobre os

movimentos e papel importante nas emoções. Quando esse circuito (estruturas pré-frontais específicas, sistema límbico e gânglios de base) se encontra disfuncional, há prejuízo das emoções, tomada de decisão, planejamento e iniciativa (WHO 2004, citado em Carneiro Yoshida 2009).”

Além disso, a ciência aponta que os estudos feitos com pacientes que sofreram algum trauma ou apresentavam disfunção em determinadas áreas corticais pré-frontais do hemisfério direito ou do corpo caloso (áreas responsáveis pela assimilação de emoções), Bermond (2003) concluiu uma nova categorização para condição de Alexitimia: Tipo 1 e Tipo 2.

Na Alexitimia Tipo 1, tanto componentes afetivos quanto os cognitivos das experiências emocionais estariam comprometidos. Por outro lado, na Alexitimia Tipo 2, apenas componentes cognitivos das emoções estariam prejudicados, ou seja, a Alexitimia estaria ligada a doenças psicossomáticas. (BERMOND,2003).

É considerada Alexitimia Tipo 1 quando há lesão no hemisfério direito, em estruturas pré-frontais (como o córtex cingulado anterior - CCA), região dorsolateral e órbita-frontal ou se houver hipoatividade nessas regiões pré-frontais. Em contrapartida, na Alexitimia Tipo 2, apenas os componentes cognitivos são prejudicados, em outras palavras a Alexitimia está mais relacionada a doenças psicossomáticas. (BERMOND,2003).

Outrossim, a Alexitimia Tipo 2 ou cognitiva o problema é decorrente do corpo caloso, que é um feixe nervoso que liga o hemisfério direito e o esquerdo e que permite a integração e a transmissão entre eles. Pacientes que apresentam lesão nesse feixe nervoso demonstram comprometimento apenas no componente cognitivo das emoções (LARSEN & cols., 2003).

Os indivíduos teriam a experiência emocional acompanhada das respostas autonômicas correspondentes, contudo não conseguem interpretar e elaborar cognitivamente a emoção vivida nem mesmo as sensações a partir da experiência. Esses fatores supracitados foram comprovados por diversos pesquisadores.

Gazzaniga e LeDoux (1978), afirmavam que pacientes com o corpo não tiveram dificuldades para incumbir valor a estímulos emocionais processados unicamente no hemisfério direito, contudo a avaliação que era feita se limitava aos aspectos emocionais, sobre uma elaboração cognitiva, que é uma função do hemisfério esquerdo.

Segundo Bermond (2003), os estudos citados acima produzidos por Gazzaniga e LeDoux (1978) evidenciam que, pela falta de comunicação entre os hemisférios direito e esquerdos, o indivíduo tem uma interferência nos componentes afetivos dos estímulos emocionais que são enviados para o hemisfério esquerdo. Logo, não conseguindo interpretar,

inibir ou controlar de forma adequada, as respostas fisiológicas das emoções vivenciadas, faz deduções incertas sobre os estímulos que foram enviados.

Para mais, “Larsen e cols. (2003) acrescentam que, quando as respostas autonômicas não são inibidas ou controladas, tornam-se desreguladas, crônicas e desencadeiam níveis elevados de adrenalina e noradrenalina no organismo. O sistema imunológico, enfraquecido, facilitaria a ocorrência das doenças " (psico)somáticas" (p. 538). (CARNEIRO & YOSHIDA, 2009).”

Portanto, entende-se que, a associação da Alexitimia Tipo 2 e doenças psicossomáticas podem ser indicadas pela hipótese incapacidade consciente regular ou modular as emoções, por causa da falta de integração das informações entre os hemisférios direito e esquerdos (CARNEIRO & YOSHIDA, 2009).

Em estudos realizados em 2004, Taylor e Bagby discutem vários estudos experimentais sobre o funcionamento neurológico e o processamento das emoções. A pesquisa utilizava de exame de neuroimagem e constatou aumento na atividade amígdalas direita e esquerda quando os participantes da pesquisa tinham como atividades de emparelhar uma figura alvo a figuras faces que expressam raiva ou medo. Logo, quando a tarefa era para decidir entre duas palavras para nomear aquela que melhor identifica a expressão observada em uma face (tarefa cognitivo-verbal), houve redução de atividade na amígdala e aumento de atividade no córtex pré-frontal direito (BOOKHEIMER E MAZZIOTTA, 2000).

Esses resultados ilustram o modo de funcionamento neuronal que permite aos indivíduos realizarem atividades de funções superiores, isto é, decidir ou nomear, para assim regular o processamento das emoções em regiões subcorticais do sistema límbico.

Para mais, por meio dos resultados do supracitado estudo de Hariri e colaboradores, acredita-se que os indivíduos com maior grau de alexitimia, portanto com menos capacidade de assimilar e nomear suas emoções, bem como, teriam mais dificuldades em controlar as respostas amígdalas do que as pessoas com menor grau de alexitimia.

DOENÇAS PSICOSSOMÁTICAS E ALEXITIMIA

Como foi supracitado diversas vezes, muitos pesquisadores referem-se com doenças psicossomáticas e sintoma psicossomático, por exemplo, mas nunca é explicado o que esses termos significam.

A expressão “somática” no que se refere a conteúdos psíquicos ocorre durante a vida do indivíduo, no processo de adoecer, pode conter expressões importantes e significados variados

e diferentes, isto é, em alteração funcional ou manifestação clínica, ou, ainda, em transtorno somatoforme. Ou seja, lida-se com diversos pacientes para resumi-los ao diagnóstico “doenças psicossomáticas”.

De acordo com Carneiro (2008), os pacientes alexitímicos, devido à dificuldade de assimilar e expressar suas emoções, são vulneráveis a transtornos funcionais.

Isto é, “autores que analisaram reação ao estresse, alexitimia e 'doenças psicossomáticas' enfatizam que o estresse é desencadeador de reações fisiológicas através da ativação do sistema nervoso autônomo (MORRISON & PIHL, 1989). Postulam os autores que, quando as emoções são normalmente externalizadas, há uma atenuação da ativação simpática.”

Contudo, quando não há um déficit em assimilar, comunicar ou expressar, como na Alexitimia, tende a agir com respostas físicas ou impedir a capacidade de enfrentamento do estresse, de acordo com Carneiro (2008). É importante salientar que essa teoria já está presente nos primeiros estudos sobre a temática (Alexander, 1950).

De acordo com Sifneos (1977) “os pacientes alexitímicos, frente a situações nas quais se sentem frustrados, tensos, não conseguem encontrar dentro de si fantasias ou palavras para lidar com a situação de desamparo ou evento estressante. Como resultado, há uma intensificação das reações fisiológicas (atividade endócrina e simpática), o que provocaria uma atividade prolongada ou excessiva de órgãos estimulados pelo sistema nervoso simpático.”

Para mais, Larsen (2003) e Morrison & Phil (1989), afirmam que esse processo crônico de superestimulação referido anteriormente, levaria a lesões específicas em órgãos periféricos envolvidos e, conseqüentemente, 'a doenças psicossomáticas' relacionadas ao estresse.

Outrossim, a Alexitimia está longe de ser constituída como um paradigma de “doenças psicossomáticas”, pois Carneiro (2008), observa em sua pesquisa que vários autores admitem uma certa relação entre doenças psicossomáticas e a Alexitimia, contudo baseados em teorias, além de se basearem em estudos que apontam a Alexitimia em diversas doenças somáticas. “Além disso, evidencia-se sua relação com transtorno de pânico, transtornos alimentares, abuso de substâncias, depressão, transtorno de estresse pós-traumático e hipocondria (Torres & Crepaldi, 2002), com condutas aditivas (PIRLOT & CORCOS, 2014), o mesmo pode ser observado em pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo, segundo De Bernardis et. al. (2014) 40 % destes pacientes podem apresentar alexitimia (RODRIGUES, 2014).”

É importante salientar que, “Quanto à associação entre somatização e a alexitimia, em saúde primária, inicialmente foi constatada uma associação positiva e moderada, mas, ao proceder-se ao controle das variáveis ansiedade e depressão, essa associação diminui

significativamente, tornando-se fraca, e os resultados mostraram que a alexitimia não se revelou como fator preditivo (ALMEIDA & MACHADO, 2004).”

Contudo, diante do valor investigativo dos estudos sobre Alexitimia tem comprovado, é necessário seguir sua pesquisa, com intuito de esclarecer de forma mais completa à sua natureza e por meio disso haver perspectivas mais efetivas para seu tratamento e prevenção (YOSHIDA & CARNEIRO, 2009).

METODOLOGIA

Utilizou-se como metodologia na escrita deste trabalho uma pesquisa bibliográfica analítica e comparativa utilizando artigos científicos sobre a etimologia sobre Alexitimia, bem como, sobre como a doença se desenvolve, quais são os sintomas, como o indivíduo com alexitimia pode se desenvolver tendo como dificuldade assimilar e expressar suas emoções.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi produzida com o intuito de revisar o conceito de Alexitimia dentro dos âmbitos psicológico e psicanalista, além de buscar compreender as causas biológicas para o surgimento da Alexitimia. Ademais, compreender como fatores socioculturais e econômicos podem influenciar no desenvolvimento dessa condição no indivíduo.

A pesquisa para a produção deste trabalho também envolveu compreender o que a Neurociência traz à luz sobre a Alexitimia, sobre o diagnóstico, sobre as causas e como o cérebro do indivíduo que apresenta essa condição processa e expressa suas emoções. Além disso, traz à luz como a Neurociência tem sido um fator importante para o estudo sobre a Alexitimia através de exames como ressonância e tomografias.

Para mais, neste trabalho buscou-se compreender através da Neurociência como pode funcionar o cérebro de um indivíduo com diagnóstico de Alexitimia se de fato há uma dissociação no momento do processo de assimilação afetiva, assim também na forma de comunicar suas emoções, em comparação com uma pessoa que não apresentam o diagnóstico, de acordo com Larsen (2000).

Além disso, as regiões chamadas pré-frontais apresentam receptores dopaminérgicos, têm conexão neural com sistema límbico e quando lesionadas ou hipoativadas podem comprometer a vivência e expressão das emoções. Em outras palavras, nesse tipo de Alexitimia, o componente afetivo das experiências emocionais e as respostas fisiológicas são comprometidos, tendo em vista que estruturas têm essa função fundamental no processo de

avaliação da emoção estariam prejudicadas. E por fim, o processo de cognição afetiva é prejudicado.

Outra vertente científica sobre a temática de Alexitimia salientada neste trabalho é a veracidade da relação entre a condição de Alexitimia e doenças psicossomáticas. Isto é, busca-se salientar as contradições de vários autores admitem que a Alexitimia está relacionada a doenças psicossomáticas, contudo se baseiam apenas em teorias e ao mesmo tempo relacionam a Alexitimia a doenças somáticas.

Para mais, este artigo busca trazer à luz a importância dos estudos científicos já existentes, bem como, a continuação dessas pesquisas com intuito de esclarecer de forma mais completa a natureza as várias perspectivas sobre essa condição e compreende qual teoria é mais adequada.

CONCLUSÕES

Por meio deste trabalho pode-se compreender a Alexitimia em seu constructo, suas causas para a Psicologia e para Neurociência, trazendo à luz a etimologia da condição supracitada, bem como, variadas vertentes sobre o que pode causar o diagnóstico.

Isto é, a Alexitimia define-se como uma desordem neurológica que interfere no processamento das emoções. O indivíduo que apresenta esse desordenamento não consegue identificar e expressar emoções de forma consciente através da fala.

Para mais, o objetivo deste artigo é revisar o conceito de Alexitimia e o que pode ser o causador dessa condição, além de compreender quais são as possíveis causas para a desordem no processamento de assimilação das emoções e a dificuldade para expressar suas emoções.

Ademais, este trabalho buscou compreender como o indivíduo alexitímico se desenvolve nessa condição, quais são suas causas, seja causa biológica ou acontecimentos externos relacionados ao âmbito sociocultural, ou causas psicológicas desenvolvidas por algum trauma durante a infância ou já na vida adulta.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, F. (1950). Psychosomatic medicine, its principles and applications. New York: Norton. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1951-05543-000>. Acesso em 20 de março de 2023.

ALMEIDA, V., & MACHADO, P. P. P. (2004). Somatização e alexitimia: um estudo nos cuidados de saúde primários. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 4(2),

285-298. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/handle/1822/1710>. Acesso em 20 de março de 2023.

BAGBY, R. M., TAYLOR, G. J., & PARKER, J. D. (1994). The twenty-item Toronto Alexithymia Scale II. Convergent, discriminant, and concurrent validity. *Journal of Psychosomatic Research*, 38, 33-40. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/8126688/> acessos em 22 mar. 2023.

BERMOND, B. (2003). Brain and Alexithymia Retirado em 25/03/2023. Disponível em: <http://spitswww.uvt.nl/web/fsw/psychologie/emotions2003/2/h11.pdf> Acesso em 20 de março de 2023.

BERMOND, B. (2003). Brain and Alexithymia Retirado. Disponível em: <http://spitswww.uvt.nl/web/fsw/psychologie/emotions2003/2/h11.pdf> acessos em 22 mar. 2023.

BUCHANAN, D. C., WATERHOUSE, G. J., & WEST Jr., S. C. (1980). A proposed neurophysiological basis of alexitimia. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 34, 248-255. Disponível em: <https://www.karger.com/Article/Abstract/287465>. acesso em 22 de março de 2023.

CARNEIRO, B. V. (2008). Propriedades psicométricas da OAS – Observer Alexythimia Scale: versão brasileira. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15680>

CARNEIRO, B. V., & YOSHIDA, E. M. P.. (2009). Alexitimia: uma revisão do conceito. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 25 (Psic.: Teor. e Pesq., 2009 25(1)), 103–108. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722009000100012>. Acesso em 26 de março de 2023.

FREIRE, L.. (2010). Alexitimia: dificuldade de expressão ou ausência de sentimento? Uma análise teórica. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(Psic.: Teor. e Pesq., 2010 26(1)), 15–24. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000100003>. Acesso em 28 de março de 2023.

KRYSTAL, Henry. "Alexithymia and psychotherapy." *American journal of psychotherapy* 33.1 (1979): 17-31. Disponível em <https://psychotherapy.psychiatryonline.org/doi/abs/10.1176/appi.psychotherapy.1979.33.1.17>. Acesso em 28 de março de 2023.

LARSEN, K. J., BRAND, N., BERMOND, B., & HIJMAN, R. (2003). Cognitive and emotional characteristics of Alexithymia: a review of neurobiological studies. *Journal of Psychosomatic Research*, 54, 533-541, Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S002239990200466X>. Acesso em 28 de março de 2023.

LARSEN, K. J., Brand, N., Bermond, B., & Hijman, R. (2003). Cognitive and emotional characteristics of alexithymia: A review of neurobiological studies. *Journal of Psychosomatic Research*, 54, 533-541. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S002239990200466X>. Acesso em 29 de março de 2023.

MACIEL, Maria José Nunes; YOSHIDA, Elisa Medici Pizão. Avaliação de alexitimia, neuroticismo e depressão em dependentes de álcool. *Aval. psicol.*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 43-54, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712006000100006&lng=pt&nrm=iso Acesso em 29 de março de 2023.

MC DOUGALL, J. (1982). Alexithymia: A psychoanalytic viewpoint. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 38, 81-90. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7146278/> Acesso em 30 de março de 2023.

MORRISON, S. L., & PIHL, R. O. (1989). Psychometrics oh the Schalling-Sifneos and Toronto Alexithymia Scale. *Psychotherapy and Psychosomatics*. Disponível em: <https://www.karger.com/Article/Abstract/288140>. Acesso em 30 de março de 2023.

RODRIGUES, Avelino Luiz et al. Reflexões críticas sobre o constructo de alexitimia. *Rev. SBPH*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 140-157, jun. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582014000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 mar. 2023.

SIFNEOS, P. E. (1991). Affect, emotional conflict, and deficit: An overview. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 56, 116-122. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/45113964> Acesso em 28 de março de 2023.

SIFNEOS, P. E., Apfel-Savitz, R., & Frankel, F. H. (1977). The phenomenon of Alexithymia: Observations in neurotic and psychosomatic patients. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 28, 47-57. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/45114843>. Acesso em 28 de março de 2023.

SILVA, F. R., & Caldeira, G. (2010). Alexitimia e pensamento operatório: a questão do afeto em psicossomática. In: J. Melo Filho & M. Burd (Eds.), *Psicossomática hoje* (pp. 158–166). Porto Alegre: ARTMED. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/WxJrZhZ9Nn78jyQqJD5ZyKp/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 28 de março de 2023.

TAYLOR, G. J. (1984). Alexithymia: Concept, measurement, and implications for treatment. *The American Journal of Psychiatry*, 141, 725-732. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/6375397/> Acesso em 28 de março de 2023.

TAYLOR, G. J. (2000). Recent developments in alexithymia theory and research. *Canadian Journal of Psychiatry*, 45, 134-142. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/070674370004500203> Acesso em 28 de março de 2023.

TAYLOR, G. J., & Bagby, R. M. (2004). New trends in alexithymia research. *Psychotherapy and Psychosomatics*, 73, 68-77. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/8882921_New_Trends_in_Alexithymia_Research

Uma Análise Teórica. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/hYtYQV8tvhSbsfPNxKB3qDk/?lang=pt&format=pdf> Acesso em 28 de março de 2023.